

SUSTENTABILIDADE DA CAFEICULTURA ORGÂNICA NO BRASIL

R. C. WEGNER – Centro de Café, Instituto Agrônômico/IAC – rubicawegner@gmail.com; P. H. N. TURCO – APTA Regional – patricia.turco@apta.sp.gov.br; F. M. M. BLISKA – Centro de Café, Instituto Agrônômico/IAC – bliska@iac.sp.gov.br

Nas últimas décadas, observou-se em diversos países demanda crescente por produtos cultivados por meio de tecnologias limpas, que minimizam a produção de resíduos e emissões, desperdícios e custos supérfluos, que resultem em impactos positivos e significativos para a saúde de trabalhadores, produtores rurais e consumidores. Além disso, que contribuam para a preservação ambiental e o desenvolvimento rural sustentável. No Brasil, a produção orgânica é uma das iniciativas mais bem estabelecidas nesse domínio. Com vistas a subsidiar o debate público e a tomada de decisão quanto ao apoio à produção cafeeira em sistema orgânico, este estudo analisou a sustentabilidade desse sistema produtivo em relação à produção cafeeira no sistema convencional.

Para o levantamento das estruturas de custo e dos coeficientes técnicos de produção utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas *in loco*, isto é, nas propriedades dos cafeicultores, nas regiões Sul de Minas Gerais e Oeste de São Paulo, além de entrevistas por telefone com produtores de Rondônia, Espírito Santo, Bahia, Paraná e Mato Grosso do Sul. Foram entrevistados 11 cafeicultores convencionais, 21 orgânicos, três agroflorestais orgânicos, seis representantes de Instituições de Pesquisa e Extensão, um produtor de cafés orgânico e convencional e duas cooperativas (uma de café orgânico e comércio justo e a outra convencional), além de consultores e outros representantes da cadeia produtiva do café. As entrevistas consistiram de duas partes. Na primeira, foram identificados os motivos que levaram os produtores ao manejo orgânico ou agroflorestal, as implicações da certificação sobre o manejo e preços pagos, o mecanismo de comercialização e as principais dificuldades com esse manejo. A segunda parte consistiu no levantamento da estrutura de custos, por hectare de café cultivado. Foram utilizados os conceitos de custo operacional total (COT) e de custo operacional efetivo (COE), que adiciona ao custo operacional total os encargos sociais, contribuição à seguridade social rural, depreciação de máquinas, outros custos fixos de máquinas referentes a abrigo, seguro e juros sobre capital investido (Matsunaga, 1981; Mello, 1988). Quando cabível considerou-se a taxa do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). A rentabilidade de ambos os manejos foi avaliada por meio da Receita Bruta (RB) e do Ponto de Nivelamento (PN).

Resultados e conclusões

Não existe um padrão para a cafeicultura orgânica no Brasil. Os resultados deste estudo indicam condições distintas de produção e comercialização. Entre os produtores há diferentes níveis de acesso às informações técnicas. Além disso, as diferenças edafoclimáticas intrínsecas a um país de dimensões continentais como o Brasil levam a resultados regionais diferenciados. Embora o uso de adubo natural – proveniente de outras atividades agropecuárias da propriedade – constitua um dos pilares da definição de Agricultura Orgânica, boa parte dos cafeicultores brasileiros é monocultora e não conhece as combinações mais adequadas dos adubos e biofertilizantes permitidos pelas certificadoras. Em geral a produtividade média de café orgânico é de 15 sacas por hectare, mas onde há maior utilização de adubos (biofertilizantes), não naturais, mas recomendados pelas certificadoras, como no Estado de Minas Gerais, são observados níveis mais elevados. As produtividades e custo de produção encontrados neste estudo são apresentados no quadro 1. Sinteticamente, as principais conclusões do estudo são:

- 1) A produção de café orgânico pode ser sustentável, no Brasil, principalmente nas seguintes condições estruturais:
 - Pequenos produtores, que não dependam de mão-de-obra contratada (produtores familiares);
 - Pequenos produtores, que contratem apenas um ou dois funcionários, preferencialmente apenas na colheita;
- 2) Os produtores orgânicos, com raras exceções, carecem de assistência técnica e informações tecnológicas em geral. Grande parte dos cafeicultores é autodidata.
- 3) As diferenças de produtividade obtidas pelos cafeicultores são significativas, bem como os objetivos de cada produtor. Apesar disso, o principal problema da produção orgânica não é a tecnologia de produção.
- 4) A principal limitação à sustentabilidade da produção orgânica no Brasil é a dificuldade de comercialização:
 - Produtores cooperados tem maiores oportunidades de mercado: cooperativas fortalecem o acesso principalmente ao mercado externo;
 - Os cafés devem ter excelente padrão qualidade, fator tão importante quanto o selo; a dificuldade em compor lotes homogêneos e manter a qualidade, a cada safra, prejudicam a manutenção dos mercados conquistados;
 - O café que não é exportado poderia obter preço superior ao convencional, no mercado interno, mediante desenvolvimento desse esse nicho de mercado, atualmente limitado;
 - A certificação dupla – Fairtrade e orgânica – resulta em melhores preços, maior inserção no mercado internacional e maior estabilidade para o produtor.
- 5) A principal limitação à sustentabilidade do sistema orgânico para médias e grandes propriedades é o custo da mão-de-obra. Em áreas com melhores condições edafoclimáticas à produção cafeeira predomina a cafeicultura de montanha, onde operações com máquinas não são viáveis e o custo de mão-de-obra é extremamente elevado.
- 6) A produtividade do sistema orgânico geralmente é inferior à do convencional: a diferença dependerá de manejo, pós-colheita e características edafoclimáticas regionais, principalmente fertilidade natural dos solos e altitude.
- 7) O sistema orgânico pode ser potencializado mediante manejo integrado com outras culturas ou atividades agrícolas (como banana, mel e bovinocultura de leite) e principalmente em sistemas agroflorestais, os quais podem auxiliar

no desenvolvimento sustentável de regiões altamente antropizadas pela ação do homem.

Quadro 1. Custos de produção de café: sistemas orgânico e convencional: produtor, produtividade, custo total por unidade de área e por unidade produzida, receita total e lucro bruto, safra 2009/2010, regiões brasileiras.

Estado	Sistema de produção	Produtividade (sc/ha)	Custo Total		Receita total R\$/ha	Lucro bruto R\$/ha
			R\$/ha	R\$/sc		
Minas Gerais	Orgânico	28	3.975	142	12.183	8.208
		41	4.036	98	17.853	13.817
		15	3.627	242	6.150	2.523
		10	156	1.565	4.720	3.155
		39	1.796	183	16.684	14.888
		05	2.342	468	2.400	57,55
	Convencional	20	6.118	247	6.000	-118
		20	5.972	299	5.600	-372
		22	7.612	347	6.006	-1606
		20	6.440	322	5.600	-840
20		6.420	321	5.600	-820	
São Paulo	Orgânico	49	8.062	164	17.333	9.271
		15	1.018	68	3.750	2.732
		15	1.088	73	1.875	787
		15	1.193	80	3.750	2.557
	Convencional	25	6.446	258	7.625	1.179
		15	4.305	287	4.200	-105
Rondônia	Orgânico	35	3.052	87	6.300	3.248
	Convencional	30	3.558	119	5.100	1542
Espírito Santo	Orgânico	14	2.598	186	5.320	2.722
		15	2.128	174	4.650	2.522
		30	3.607	120	3.800	193
	Convencional	20	2.807	140	3.360	553
		15	3.645	243	4.050	405
		16	3.473	271	3.840	367
		15	2.611	174	3.300	689
14	3.811	272	4.130	319		
Mato Grosso do Sul	Orgânico	12	1.019	85	8.640	7.621

Fonte: Dados do estudo.